

Papai

Em uma noite tempestuosa eu estava no meu quarto totalmente trancado, sozinho, e minha mãe não estava em casa, pois, segundo ela, havia ido à casa de um primo. Enquanto a chuva caía sobre minha casa, comecei a escutar um barulho estranho, um tanto quanto tenebroso, consegui ouvir passos e uma voz grossa, rouca, bem baixinha, quase não conseguia ouvi-la pois o barulho da tempestade me impedia. Contudo eu fiquei com muito medo, enquanto mais o barulho aproximava da minha porta, mais alto a voz ficava, até que entendi a seguinte frase “Jack, é o seu pai”. Na hora que ouvi estas palavras eu entrei em pânico, sem saber o que fazer, minha mãe dizia que meu pai estava morto, então eu liguei para ela. Mas ela atendeu o celular de uma forma preocupada por causa da chuva e disse que já estava vindo, então eu falei sobre a voz e os passos, e na hora ela ligou para polícia.

No dia seguinte acordei cansado, pois fui dormir apenas às 3h30 da manhã e eu não estou acostumado a dormir tarde, e também pelo motivo de os policiais vasculharem a casa inteira fazendo muito barulho. Então quando levantei conversei com minha mãe sobre o que aconteceu na madrugada, e ela disse que eu estava ouvindo coisas, pois meu pai morreu em um acidente, e minha mãe disse que ele caiu do sótão da casa e faleceu na hora da queda, então perguntei como que isso aconteceu, ela me disse que ele simplesmente tropeçou em uma madeira solta e atravessou a janela. Depois das conversas, afazeres de casa e escola, fui dormir cedo para conseguir descansar.

Estava em um sono profundo até que acordei com uma fala estranha dizendo “acorda que está na hora”, antes de eu conseguir dar um grito, algo tapou minha boca com um pano para não sair som algum. Então essa pessoa me pegou no colo e me levou para o sótão, e quando ele ou ela acendeu as luzes, consegui ver que era um homem com uns 40 anos ou mais, estava com uma máscara preta cobrindo o rosto inteiro, e ele começou a falar comigo, parecia que ele estava feliz, então falou que era meu pai, eu não acreditei de primeira, porém ele começou a falar detalhes da minha vida que acabei acreditando, e na hora falei que ia avisar a mãe, mas ele disse que não, pois ela jamais poderia saber isso, então ele me contou a verdadeira história sobre sua suposta morte, e eu fiquei completamente chocado, e com isso pude ver realmente quem minha mãe era. A partir desse dia, meu pai vinha sempre às 3 horas conversar comigo e falava as verdades sobre minha mãe, ele retornou durante sete dias e em cada um desses ele me entregava uma letra de vidro, formando a palavra “saitan”, que eu não sabia o que era, e ele disse que esse era um amigo. No oitavo dia ele não veio falar comigo, então fui dormir com minha mãe. Quando acordamos minhas mãos estavam completamente vermelhas e molhadas com um líquido estranho, então meu pai veio falar comigo de manhã e ele me disse: “Obrigado por vingar o papai.”

Autor: Gabriel Mendes Túlio

Euu3

Peguei meu casaco após o fim do expediente e saí do prédio, fui direto para casa, estava cansado e inquieto então só queria ir para o meu lar e acalmar as diversas ideias informes que entranhavam em minha cabeça. O caminho para casa foi incômodo, estava chovendo forte e alguns granizos insistiam em cair do céu, que estava carregado, porém foi rápido, já que a delegacia ficava a duas quadras da minha residência.

Tentei dormir, ler um livro, navegar na internet, mas nada tirou da minha cabeça o que estou vivenciando há um ano. Deitado em minha cama, penso em todas aquelas mortes, aquele assassino era louco, porém muito inteligente. Quem comete mais de 50 mortes em um ano e ainda consegue esconder as evidências e ter sucesso em sua fuga, mesmo deixando em suas vítimas uma coisa tão específica como pétalas de flores? Há um ano as mortes começaram, há um ano tenho ficado acordado de madrugada pensando em possíveis soluções para desvendar esse caso, desde então possuo um estresse excessivo, insônia e comecei a fumar para assim tentar me acalmar um pouco, porém isso só me rendeu dores no peito e tosses, contudo, para manter meu título de um policial expedito, tento ao máximo ignorar esses problemas.

Rego minhas flores e tomo um remédio para dormir. Deito em minha cama um pouco mais relaxado ouvindo os estrondos da chuva que caía lá fora e olhando para o teto rançoso. Cansado e pronto para dormir viro minha cabeça, meus olhos estavam pesados, porém ficaram bem acordados ao avistarem uma porta insólita até então desconhecida por mim, ela estava entre o guarda-roupas e a mesa, na frente dela um cabide com uma espécie de lençol caído perto dele, suponho que minha insciência sobre aquela porta fosse pelo lençol estar sempre pendurado sobre o cabide, assim evitando a porta de ser avistada, mas por que o lençol não estava em seu lugar? Levanto da cama e em passos lentos e um pouco sonolento caminho até a abertura e tiro o cabide velho de sua frente, a porta estava estranhamente aberta então não hesitei em empurrá-la. Ao abrir, dou um salto e fico inquieto, levo imediatamente as mãos ao nariz a fim de diminuir o cheiro ruim que impregnou em minhas narinas e de repente me lembro das flores que reguei mais cedo, as pétalas que faltavam estavam ali, sobre cada um dos corpos sem vida e então cenas perturbadoras ecoam em minha cabeça, como se aquilo fossem lembranças, o som de gritos aflitos estava tão real... o barulho de corpos tombando no chão também... Então de repente me lembrei, o assassino que eu denominava ser louco e inteligente na verdade era eu.

Autora: Helen da Silveira Sales

Aria

Eu e minha irmã estávamos na festa da Alisson aqui em Rosewood quando notamos que eram 22:00 e estávamos atrasadas para o jantar e então fomos para casa. Nossa mãe está doente e não levanta da cama, para nos chamar ela balança um sininho que deixamos no seu quarto, logo a enfermeira vai atendê-la.

Quando chegamos em casa eu fui para meu quarto trocar de roupa e minha irmã foi ver nossa mãe, que ficava num chalezinho perto do lago. Minutos depois eu só vi o chalé em chamas e essa foi minha última lembrança. Após isso só me recordo de acordar na psiquiatria.

Fiquei longos seis meses por lá, recebendo visita de meu pai aos fins de semana e nas segundas, terças e quartas eu treinava Muay Thai.

O doutor Thompson me liberou no mês de novembro dizendo-me que eu terminaria o tratamento em casa e que era para eu terminar o que havia começado e viver a vida. Dito isso, meu pai foi me buscar. A caminho de casa, ele me deu cookies e contou que estava namorando Meredith, a enfermeira que cuidava da mamãe. Confesso que não gosto dela, porque eu sei que ela só deve estar com meu pai pelo dinheiro dele, mas no momento não posso fazer muita coisa....

Chegando em casa, logo corri para meu quarto e me joguei na cama, observando o que estava ao meu redor. Fui na janela e avistei minha irmã nadando no lago. Eu me troquei e desci ao encontro dela. Nós batemos um papo e logo subi para casa.

Chegando lá, conversei um pouco com minha nova madrasta e depois fui para o sótão para ver as coisas da mamãe, o que me trouxe várias lembranças. Jantei e logo dormi.

Em um determinado momento, acordei e ouvi um barulho, como aquele do sino que minha mãe balançava quando precisava de ajuda. Logo o barulho estridente da porta ia se abrindo cuidadosamente e perturbadoramente, logo me virei para o lado e o barulho sumiu. Quando de repente uma mão sangrenta puxava meu lençol para baixo e então a porta se fechou e eu realmente acordei com Carol ao meu lado dizendo que eu estava tendo um pesadelo.

No dia seguinte, tomei café com Meredith e ela disse que estava feliz por eu ter voltado e que "águas calmas escondem algo no fundo", alegando que eu fui muito forte para encarar minha perda, mas eu sabia que ela estava falando aquilo pra me perturbar. Concordei e desci para tomar sol, passei o dia lá fora lendo e ouvindo música, subi apenas para almoçar. De noite nós assistimos filme em família, porém em determinado momento eu ouvi os sinos da mamãe chamarem e fui até o chalé onde ela ficava. Porém lá estava tudo vazio, até que vi a mão de minha mãe e o seu corpo em decomposição vindo até mim e apontando o dedo para cima gritava "Assassina". Eu estava desesperada, gritando muito e o som de trovões soavam fortemente lá fora, até que Carol chegou e me acalmou. Eu sabia que mamãe estava querendo me dizer algo. Logo Meredith me chamou e aí eu saquei tudo. Ela matou mamãe.

No dia seguinte eu fui ao mercado com ela para ver meu namorado que lá trabalhava. Antes paramos em um restaurante e almoçamos, durante o almoço, ela me contou sobre um colar de pérolas lindo que possuía, dizia ela que ganhou de uma ex-paciente, porém me garantiu que nenhuma paciente foi tão boa e compreensiva quanto minha mãe. Depois disso ela contou que era enfermeira há anos e o que a fazia continuar era saber que logo aquelas pessoas iriam morrer.

Fomos ao mercado, até que enfim achei meu namorado e marcamos de nos encontrar às 23 horas no laguinho da minha casa.

Matheus era o nome dele e era ele quem fazia as entregas de compras na minha casa, já que morávamos afastadas da cidade, porém assim que Meredith nos viu conversando disse que ela mesma faria esse trabalho e que ele não precisava mais fazer as entregas. Fomos para casa. Carol ficou em casa vasculhando as coisas de Meredith pra ver se achava algo suspeito, mas nada achou. Logo deram 23 horas e eu e Carol fomos ao encontro de Math. Horas se passaram e ele não chegou, então fomos pra casa e adormecemos.

Logo pela manhã quando acordei, ouvi barulho de helicóptero e abri minha janela, era da polícia. Chamei minha irmã e fomos ver o que havia acontecido. Era Math. Ele estava roxo, boiando e morto na água. O xerife me disse que ele havia enroscado o barco num galho e então caiu e quebrou a espinha.

Chegamos em casa, Meredith nos recebeu, lamentava a situação... Falei com papai, contei que Math ia me ver escondido, pois Meredith não queria que ele fosse mais lá em casa, meu pai não acreditou. E me mandou não fazer acusações.

Eu e Carol decidimos investigar o passado de Meredith. Ligamos em muitos hospitais do estado, tudo certo. Até que ligamos no hospital Maite e falamos com o sindicato de enfermeiros, eles nunca tiveram uma enfermeira com o nome de Meredith Carol Summers. Pegamos ela.

Naquela noite, seria meu jantar de boas-vindas que papai e Meredith prepararam. Enquanto eu e ela nos arrumávamos, perguntei o nome verdadeiro dela e ela simples me ignorou. Eu estava de saída para falar com meu pai e ela me disse que eles haviam conversado com dr. Thompson a respeito do meu comportamento e achavam que foi um erro me trazer novamente para casa, após isso me mandou sair do quarto.

Os convidados chegaram. Meu pai percebeu que Meredith estava se batendo um pouco com a recepção deles e me pediu para ajudá-la. Eu concordei.

Na cozinha, eu ajudei-a tirar o frango do forno, ela me pediu para tirar o lixo apenas. Tirei. Quando o saco estava no chão, eu o vi se mexendo, enquanto eu revirava o lixo, deixei cair uma latinha embaixo da pia e fui pegar, porém vi minha mãe embaixo da pia e ela dizia "você é a próxima". Eu logo me joguei para trás e sem querer derrubei o frango no chão.

Meredith chegou e fez um escândalo. Os convidados foram embora e meu pai me mandou para o quarto.

Assim que tudo se acalmou, fui ao escritório do papai falar com ele, eu tentei explicar que Meredith estava mentindo para ele, que ela não era quem dizia ser e que ela o queria só para ela, papai não me deu ouvidos, apenas disse que falaria com o dr. Thompson.

Papai viajou para NY na manhã seguinte, no dia do sepultamento de Math.

No enterro, enquanto o padre fazia a fala final, eu avistei uma garota ruiva e a segui. Ela deu a mão para dois meninos que a esperavam em frente a três caixões. Logo eles sumiram. Eu vi os nomes e anotei. Cheguei em casa e procurei na internet. A matéria contava a história de três criança assassinadas pela babá. Essa babá ficou obcecada pelo pai das crianças após a morte da mãe delas em um acidente de carro. Eu e minha irmã abrimos fotos do caso e vimos o colar da Meredith na foto. Aquilo acabaria naquela noite.

Subimos cuidadosamente no quarto de papai e Meredith. Estava trancado. Carol foi pelo telhado até o andar de baixo buscar as chaves dela, precisávamos daquele colar. De repente escuto um gemido e fui até o quarto novamente. A porta estava aberta, porém o colar não estava mais lá. Meredith apareceu com o colar nas mãos e me perguntou o que eu estava procurando. Fiquei quieta, porém com medo. Ela foi se aproximando e tentou me sedar. Ela me arremessou na parede e eu caí no chão, ela ainda estava tentando me sedar, até que peguei o abajur e bati com tanta força em sua cabeça que ela começou a sangrar. Eu avistei o colar e corri pegá-lo, já estava de saída quando ela agarrou meu pé e eu caí mais uma vez. Levantei-me depressa e me tranquei no quarto da Carol.

Quando olhei para trás, ela estava caída no chão, dopada. Ela me pediu para ir contar tudo ao xerife, tínhamos tudo em mãos, mas eu não podia deixá-la. Ela prometeu que ficaria bem e eu não tinha outra opção.

Pulei a janela, desci pelo telhado, peguei o carro e dirigi até o escritório do xerife.

Contei tudo a ele, ele me mandou sentar, pois ia fazer uma pesquisa no sistema e eu expliquei que não tinha tempo, porque Carol estava lá em casa e Meredith poderia machucá-la. Ele apenas me mandou aguardar. O tempo passou e eu adormeci.

Quando acordei, minha mãe estava sentada na minha frente, sorrindo para mim, ela foi se aproximando e ao chegar bem perto... Era Meredith e mandou não ter medo pois era enfermeira. O xerife me segurou e Meredith me dopou.

Só me lembro de ver Meredith tirando minha roupa, colocando um pijama e também avistei Carol na porta do quarto e depois apaguei.

Quando acordei novamente, levantei, abri a porta e me deparei com uma poça de sangue enorme. Aquele sangue percorria o assoalho de madeira pelo corredor, chegava à sala de estar, descia as escadas, chegava à sala de TV, continuava pela garagem e terminava no balcão de lixo. Eu abri e tinha um saco preto esticado, puxando-o eu vi. Era loira, olhos abertos e azuis, jovem e com muito sangue pela roupa. Meredith.

Eu estava assustada quando ouvi dizer "Aria", era Carol. Ela estava toda suja de sangue e com uma faca nas mãos no mesmo estado.

Eu perguntei o que ela tinha feito e ela me disse que tinha feito o que devia, o necessário. Eu a abracei e disse que estava tudo bem. Uma luz nos iluminou. Era o papai.

Eu disse para Carol ser forte. Papai perguntou o que foi e eu disse que foi a Meredith que começou tudo, inclusive o incêndio em que mamãe morreu. Carol disse que ele tinha que acreditar em nós, disse que Meredith dopou a mim e minha irmã e que Carol só a matou para nos salvar. Mande Carol confirmar.

Meu pai indignado disse que Carol havia morrido, junto com mamãe há mais de um ano.

Foi nessa hora que Carol SE distanciou e a faca estava em minhas mãos. Eu a segui até o espelho, porém o que vi foi a minha imagem, e eu estava suja, muito suja de sangue.

E foi aí que minha mente voltou ao dia que mamãe morreu. Eu fui ao chalé com uma lamparina e a deixei lá dentro. Ao fechar a porta, a lamparina caiu no chão e causou o incêndio. Carol estava com a mamãe.

Voltei para internato e fui recebida pelo dr. Thompson, ele me perguntou como eu estava e eu o olhei nos olhos e disse "Eu fiz o que o senhor mandou, terminei o que havia começado."

Autora: Herica Karina de Souza

Era, como qualquer outra, uma noite normal em que eu terminara meu jantar e então como de costume fui deitar, eram cerca de 23 horas, e comecei a me preparar para dormir, e também estava chovendo bem forte e com raios, qual melhor hora para dormir senão agora.

Mas quando já estava deitado, por um momento eu pensei que seria uma noite normal como sempre, mas tudo estava para mudar quando ouvi uns passos lá fora da casa, eu fiquei nervoso e com medo, já que minha casa é um pouco distante da vila e não poderia pedir ajuda. Temia que fossem ladrões, rapidamente levantei e ouvi a porta abrindo bem devagar, este o som nunca me assustara tanto quanto agora. Escondi-me dentro do guarda-roupa, quando de repente comecei a ouvir barulhos de passos pela casa inteira, logo deduzi que eram várias pessoas. "E agora?", pensava eu, aflito.

Qualquer pessoa pensaria em ficar no guarda-roupa até que fossem embora, mas não sei explicar que sentimento me invadiu e resolvi olhar quem era e se podia fazer algo a respeito. Saí do quarto, mas não vi nada. "Será que estou ficando louco?" Não, não podia ser, eu ainda ouvia barulhos de passos vasculhando a casa. Fiquei parado ali e comecei a ouvir barulhos na cozinha.

"É ele, é ele", pensei instantaneamente que me conheciam, mas não sou muito de "fazer amizades", se é que me entende.

Então tive a prova de que não estava louco, vi na minha frente um vulto que parecia um homem, não pensei duas vezes, fui atrás dele.

"Quem é você?". Ele correu de mim em direção à cozinha "EI, ESPERA, EU PERGUNTEI QUEM É VOCÊ!", Mas me esqueci de um ou melhor dois pequenos detalhes, o chão da cozinha é liso e eu estava de pantufa... "Poft" caí no chão da cozinha, já era por volta da meia-noite e meia e eu não via mais apenas um, mas vários vultos na minha frente e um deles segurava uma faca, quando de repente a luz acendeu... "Feliz aniversário!"

Era minha família. Depois de termos nos acalmado, eu resolvi perguntar o porquê da surpresa e no meio da madrugada — para ser sincero nunca gostei de surpresas. Eles me disseram que iam a vila atrás de mim para fazer a festa já que fazia tempo que não nos víamos, mas no caminho começou a chover e avistaram a minha casa, e entraram para se abrigar, e no momento em que eu fiquei parado meu irmão me viu e avisou a todos sobre mim e resolveram fazer a festa ali mesmo.

Autor: Juan Pablo Sloninka Piotroski

Dhanarys

Quando Dhanarys era pequena, sempre foi uma menina com alta autoestima, alegre, feliz, com a cabeça sempre para cima pensando tudo o que tem de bom no mundo. Seu melhor amigo que desde sempre esteve do lado dela, e sempre deixaram pensar como a vida dela era maravilhosa e linda, foi embora, morar em outro país, seus pais queriam que ele tivesse um futuro.

O que Dhanarys não percebia é que ela ficava bem perto dele por que ela o amava, então quando soube da notícia tentou demonstrar o que ela sentia por ele, mesmo sem saber o que era ao certo aquele sentimento, ficando assim depressiva.

Algum tempo depois quando Dhanarys estava já no segundo ano do ensino médio, seu amado voltou para o seu país de origem, fazendo com que o amor que a garota sentia por ele reacendesse. Eles agora já não eram tão amigos como no passado, mas aos pouco Gustavo voltou à amizade que tinha com sua melhor amiga.

Gustavo se apaixona por uma menina, e a primeira pessoa para quem ele conta isso claro é sua melhor amiga, deixando-a mais triste do que já estava. Em casa Dhanarys começa a relatar tudo que sente sobre o seu amado e sobre os problemas que estavam acontecendo em sua casa com seus pais. Passam-se alguns dias e a situação para o lado da garota piora, pois Gustavo começa a namorar Keyla, que é a garota por quem ele estava apaixonado, Dhanarys então começa a se afastar dele porque ele só queria ficar com a nova namorada.

Keyla percebe que seu namorado gosta muito de sua amiga, então ela aleatoriamente começa a sentir ódio de Dhanarys, sem que ela tenha feito nada para Keyla, a amada de Gustavo acha que Dhanarys vai roubar o lugar dela como namorada.

Keyla consegue fazer a cabeça do Gustavo para fazer uma festa e ficar responsável pela parte dos convidados, Dhanarys acha que como Gustavo é seu melhor amigo e vai convidá-la, mas como Keyla não gosta dela e decide não convidá-la.

Em sua casa, Dhanarys começa a duvidar que seu melhor amigo e amado deixasse-a de lado, então começa a ficar depressiva por pensar na sua vida sem ele... como iria fazer para conquistá-lo.

Na festa Gustavo percebe que sua amigona não se encontra lá e pergunta por ela para todas as pessoas mais ninguém sabia ao certo onde ela estava. Já ela em sua casa foi ficando triste e deprimida fazendo com que ela se suicidasse.

Autora: Julia Knopp Kostulski

Apaixonada

Era dia 25/02/2012, estava na época de voltas às aulas, era meu primeiro ano sem minha melhor amiga e meu namorado (pois estavam indo para a faculdade) e eu estava fazendo meu último ano de colegial. Naquele mesmo dia começariam as aulas, eu não sabia que minha vida mudaria completamente, mas eu já chego lá, vou começar desde o início.

Meu nome é Maggie Avery, tenho 17 anos, meus pais são divorciados, mas minha mãe não sofreu com essa separação. Ela é como se fosse meu pai e minha mãe ao mesmo tempo e conseguiu aguentar esses dois papéis durante todo esse tempo de separação. Mas meu pai, ele é um querido, é simplesmente o pai mais presente em minha vida, ele não é somente presente na hora de dar a pensão, ele toma café da manhã todos os dias comigo, e é nessas horas em que eu sempre consigo desabafar com ele.

Nesse mesmo dia, tomamos café e conversei com ele, sobre ser meu primeiro ano sem minha melhor amiga e meu namorado, e eu estar preocupada, e ser muito ciumenta em questão de não ver meu namorado todos os dias, e lá na universidade estar cheio de garotas lindas e atraentes... Sei que preciso controlar o meu ciúme para não parecer a louca psicopata. Após o café, minha mãe me deixou no colégio e foi para o trabalho. Eu só consigo pensar o quanto esse ano vai ser chato e o quanto irei estar sozinha, somente com o que restou para mim, meu melhor amigo, mas que nunca posso contar com ele, pois ele sempre está com seus novos amigos e, ultimamente, nem ligando para mim. Nem parece o cara em que conheci oito anos atrás.

Bateu o sinal para entrar, eu acabei de sair de uma ligação com meu namorado, ele parece estar tão bem... Se ele está bem, então eu estou feliz por ele. Entrei na sala e imediatamente sentei no meu lugar de sempre, na cadeira ao lado da janela (eu me sentia confortável lá), e logo em seguida chegou o professor de biologia. Tudo para ajudar, prefiro matemática, nunca entendo nada de biologia, mas sempre me esforço.

Entrou um garoto depois do professor. Ele era novo... Desde o momento em que colocou os pés naquela sala, senti que o meu coração acelerou mais do que o normal. Os seus olhos azuis se encontrando com os meus meio esverdeados... Tão magnífico, que é impossível descrever esta sensação. Aqueles dedos entrelaçando o seu cabelo moreno... Chegou cumprimentando um cara que estava de costas (não imagino quem seja), mas parecem ser amigos e parecem se conhecer há muito tempo. Mas eu não prestei atenção em mais nada, meus olhos sobre ele, só conseguia pensar no quanto ele é lindo, no quanto aquele sorriso me conquistou... Eu tinha que falar com ele!

Não, não, não, não! Ele é amigo do Bryan, o Bryan Santos, o garoto mais nojento que conheço (conheço desde os meus sete anos de idade, ele era meu vizinho, infelizmente), eu odeio esse menino, eu odeio suas atitudes, eu odeio tudo nele! Eu não acredito que esse garoto lindo, que nem sei o nome, é amigo de Bryan Santos. Bom, de qualquer jeito, eu não iria poder falar com ele, meu namorado não iria gostar nada disso, melhor eu deixar do jeito em que está. Que desperdício, esse garoto deve ser igual ao Bryan, só iria perder meu tempo com ele.

Acabou a aula, e eu tinha muito que pegar um livro novo na biblioteca, mas eu tinha prometido para minha melhor amiga que iria com ela ao museu de poesias, vou ter que deixar para pegar o livro amanhã.

Lana era minha melhor amiga desde os meus dois anos, sempre contávamos tudo uma para a outra. Ano passado, prometemos que, mesmo com ela na faculdade e eu no colégio, não nos afastaríamos por nada, e sempre evitaríamos brigas, a não ser por um motivo muito bom.

Cheguei ao museu de poesias muito empolgada para vê-la.

Três horas se passaram

Eu não acredito nisso! Lana deu para trás, eu não acredito que já se passaram três horas, e ela não chegou. Mas ela teria me mandado uma mensagem, não é? Isso foi o que acabou com meu dia. Eu estava meses sem a ver, e eu só queria que continuássemos como antes, sempre nos vendo e mantendo contato. Mas parece que as coisas mudaram.

Dizendo que posso estar aqui, me divertindo sozinha, vendo essas poesias inspiradoras, eu decidi que entraria mesmo assim nesse museu. É o meu museu de poesias predileto, não posso perder meu tempo chorando por uma pessoa que parece querer se afastar de mim.

Eu estou maravilhada com este lugar. Nunca me canso dele. Ai meu Deus! O garoto novo bonito da minha sala, está vendo poesias neste mesmo museu! Além de lindo, gosta de poesias? interessante... Vou falar com ele:

— Oi, meu nome é Maggie, Maggie Avery, sou da sua sala, no terceiro ano.

— Oi, prazer em conhecê-la, meu nome é Alex Montgomery. O que faz por aqui?

— Não deu para perceber? Eu estou visitando um dos melhores pontos turísticos dessa cidade, tirando as praias, as praias são maravilhosas! Eu simplesmente amo poesias e amo o jeito que elas conseguem transmitir sensações e inspirações a mim. E você?

— Uau! Eu estou fazendo o mesmo. Também amo poesias e acho que elas são o melhor jeito de os poetas expressarem seus sentimentos. A gente já se encontrou pelo colégio? Parece-me que eu nunca a vi lá.

— Eu o vi. Mas você não me viu. Fiz questão disso acontecer, você é amigo do Bryan, imaginei que você fosse igual a ele, porque a personalidade dele é horrível, sei disso por conhecê-lo há bastante tempo.

— Desculpa se não passei uma impressão boa, mas não sou igual ao meu amigo. Sou amigo dele, mas não faço tudo que ele faz. Pelo contrário, sou bem diferente...

Bom, tivemos uma tarde longa e cheia de conversas. Ele é um cara bem bacana, adorei conhecê-lo. O melhor de tudo, ele dirige, já tenho carona garantida e não preciso voltar tão cedo.

Depois de passarmos a tarde, sentados em uma grama, que ficava de fora do museu, ele me deixou em casa e falou "nos vemos amanhã", estou muito feliz por ter feito uma amizade nova, com um cara muito legal, e saber um pouco mais sobre ele.

No dia seguinte, Alex sentou ao meu lado na aula de física. Percebi que ele tinha um pouco de dificuldade, então o ajudei. Ele estava sendo tão gentil comigo, eu queria lhe chamar para sair, mas ficaria meio estranho. Ou não, pois somos só amigos. Vou chamá-lo:

— Alex, você vai fazer alguma coisa hoje à tarde?

— Não, acho que não, por quê?

— Você quer ir à praia comigo hoje? A previsão hoje é sol, e eu aprendi a tocar uma música linda no violão, queria muito mostrar para alguém e, ultimamente, meus amigos estão mais se afastando do que se aproximando, estou perdendo-os.

— Tudo bem. Que horas passo te buscar?

— Pode ser às 13:30?

— Pode sim, até mais tarde, beijos.

Estava tão feliz que iria mostrar a nova música que aprendi a tocar no violão para alguém, que até minha mãe percebeu minha felicidade. Eu liguei para meu namorado antes de ir, mas parecia que havia algo errado. Não sei, eu não falo com ele há muito tempo e não o vejo há mais tempo ainda. Eu estou com tanto medo, aonde isso pode chegar, não sei o que devo fazer, ele não atende minhas ligações e nem responde minhas mensagens... Mas hoje, não irei me preocupar com isso, depois nos resolvemos.

Ele chegou, estava mais lindo do que nunca. Eu saí de casa com meus cabelos ruivos e levemente ondulados nas pontas amarrado, porque irá fazer muito calor. Estava com um shorts bem estilo de praia, calçando uma rasteirinha, usando uma regata e estava levando um casaco fino e grande, caso esfriasse. E, claro, meu violão nas costas, não poderia esquecer.

Chegando à praia, depois de um caminho curto, mas cheio de conversas, nós nos sentamos na areia, estava muito calor. Eu toquei a música que tanto queria tocar, e ele me aplaudiu de pé, me elogiando, e pediu para eu tocar novamente. Quando comecei a tocar, ele começou a cantar. Meu Deus, o cara manda muito bem! Naquele momento, percebi que ele conhecia a música e tinha um talento e tanto. Desta vez, fomos aplaudidos pelo pessoal que estava na praia. Fiquei com vergonha, mas fiquei tão satisfeita, que não sabia como agradecer por aquela tarde.

Estava na hora de ir embora. Então ele me deixou em casa e nos despedimos.

Cinco meses se passaram, e eu já estava tão próxima de Alex, eu não sei como isso aconteceu, mas meus sentimentos por ele estão completamente mudados, eu acho que estou me apaixonando. Mas eu tenho namorado! Eu não posso estar confusa a respeito desse sentimento, devo amar meu namorado. Mas ele nem quer falar comigo, faz cinco meses que não falo com ele. Então eu preciso terminar com ele, porque não vou continuar uma relação, se não existe mais amor, pelo menos de minha parte. Vou ir a essa tal universidade!

Peguei um táxi, não queria que meu namorado descobrisse que o motivo de eu estar indo lá, terminar com ele, era por causa de Alex. Para dizer a verdade, eu nem sei o que Alex sente por mim, mas o que sinto por ele é algo especial, desde o momento em que o vi pela primeira vez, até agora. Todos momentos que tive com ele foram especiais, e ele já fez tanto por mim, que parece que nos conhecemos há anos.

Cheguei à universidade e fui direto ao quarto dele. Eu sabia onde ficava, pois quando ele tinha passado na prova para entrar nessa faculdade, ele havia ido ali, conhecer o lugar, e eu fui junto, inclusive conhecer o quarto dele. Bati na porta, mas ninguém abriu, então abri a porta, e o que eu menos esperava havia acontecido. Eu só queria chorar, chorar de raiva, tristeza, decepção. Eu queria desabar nos braços de Alex, porque eu sei que só ele, neste momento, conseguiria me ajudar. Eu encontrei naquele quarto a pior coisa que eu esperava dele, não só da parte dele, mas de Lana também. Exatamente! É isso que vocês estão pensando, eu fui traída pelo meu namorado, com minha própria melhor amiga, que conheço desde os meus dois anos de idade. A pessoa em que eu mais confiava, a pessoa com quem eu mais partilhava meus segredos me decepcionou como nunca. Agora tudo fazia sentido. Lana no começo do ano me deu um bolo no museu de poesias, meu namorado não retornava minhas ligações, e fazia meses que eu não falava com os dois e meses em que eu não os via. Eu nunca havia confiado tanto em uma pessoa, como havia confiado nela, e agora ela despedaçou meu coração em mil pedacinhos. Não só ela, ele também.

Eu fiquei tão chocada e pasmada com a situação, que eu comecei a gaguejar na hora, e começaram a sair lágrimas pelos meus olhos virados em decepção. Eu só consegui correr até o táxi me derramando em lágrimas. Liguei imediatamente para Alex, que me atendeu como se fosse uma urgência, o que era. Ele falou para eu o esperar na universidade, que ele estava indo me buscar, foi o que eu fiz.

O que mais estou chocada, é que eles demoraram meses para me contar tudo isso. Aliás, nem me contaram. Eu descobri sozinha! E todo esse momento, eu criando ótimas lembranças com Alex e cuidando para não me apaixonar, porque estava comprometida, respeitando meu relacionamento... Eu não entendo, como um ser humano pôde fazer isso comigo, justo comigo! Eu nunca mais quero sair de casa e nunca mais entrar em um relacionamento.

Alex chegou e abriu a porta de seu carro para eu entrar. Como ele sabia que eu estava mal, deu uma passada no McDonald's e comprou um milkshake de Ovomaltine, meu favorito, o que me deu uma animada, até eu voltar a chorar. Ele trouxe lenços também, ele estava cuidando tão bem de mim, nunca fui tratada assim, com delicadeza e amor. Ele me levou para sua casa, porque eu não ia conseguir ir para casa, com minha mãe e seu "caderno de questionários" de o porquê eu estar chorando, eu não precisava disso, não hoje. Ele colocou um filme, comédia romântica, e encomendou do McDonald's mais dois milkshakes, um para mim e outro para ele. Então ficamos assistindo ao filme, eu acabei deitando em seu colo e então olhei para aqueles olhos azuis, que me lembravam as águas mais clarinhas do mar, e ele me beijou. Um beijo com gosto de milkshake, mas foi bom. Com um pouco de minhas lágrimas, estava rindo um pouco por dentro, mas eu sabia que tanto eu quanto ele queríamos aquele beijo, e não era por eu ter acabado de terminar um relacionamento e estar na fossa, era porque aquele homem estava me fazendo feliz, aquele homem tinha algo que desde a primeira vez que o vi, me chamou a atenção, e aquele beijo, significava muito mais.

Ele leu o meu poema favorito, e quando dormi consegui escutar sua voz, leve e doce de se ouvir, dizendo boa noite. Naquele momento, consegui esquecer tudo que passei hoje, e dormir muito bem.

Eu acordei, e o café da manhã já estava pronto, conseguia sentir o cheiro lá de cima. Fui ao banheiro, escovei os dentes, penteei o cabelo, coloquei uma roupa, passei um perfume, e fui arrumar a cama em que dormi. Depois desci, para tomar café da manhã:

— Bom dia!

— Bom dia.

— Você quer conversar sobre ontem à noite? — ele perguntou.

— Olha, eu sei que acabei o meu relacionamento ontem e que, aliás, não acabei do jeito que eu queria... E descobri algo que nunca queria que tivesse acontecido. Mas você já parou para pensar que nesses cinco meses, em que nos conhecemos melhor e que nos aproximamos muito, tenha "pintado" um clima entre a gente? Eu, desde o momento em que você colocou seus pés naquela sala de biologia, havia te achado incrível, o que depois foi confirmado, após nos conhecermos oficialmente. Você me fez mudar nesses cinco meses, para melhor, eu ia terminar meu relacionamento, antes de descobrir toda essa palhaçada, por causa de você. Você realmente acha que estou brincando com seus sentimentos? Eu estou apaix...

E ele simplesmente me beijou, sem deixar eu terminar a frase.

— ...onada por você! Esse beijo quis dizer o quê? Não que eu não tenha gostado, na verdade, estava morrendo de vontade de fazer isso... — continuei.

— Quer dizer que eu quero você! E se você precisar de tempo, para superar tudo isso, eu espero o tempo que for. Você é uma garota extraordinária! E eu quero que tudo isso dê certo, porque você é a garota com quem quero passar todos os 365 dias do ano, todos os dias indo cantar e tocar na praia, ou indo ao museu de poesias, porque temos tanto em comum, nunca imaginei que encontraria alguém que me fizesse eu me sentir assim... Até você entrar em minha vida! — Ele terminou essa frase, dando uma risadinha com aquele sorriso maravilhoso, que só ele tinha. Eu sabia que não precisava de tempo nenhum, eu o queria ao meu lado me fazendo bem, eu o queria. Mas eu sabia que a qualquer momento poderia descobrir alguma coisa, ou não, depois disso que aconteceu comigo, prefiro andar com um pé atrás sempre. Mas eu precisava parar de me preocupar com isso, porque eu tinha certeza de que estava ao lado do cara certo, no lugar certo.

Sete meses se passaram, e eu já tinha esquecido toda aquela loucura do meu passado. Até agora, não imagino que tudo aquilo aconteceu, mas estou bem mais feliz agora, e tenho a absoluta certeza de que estou namorando o cara certo!

Alex e eu tínhamos combinado que hoje eu iria conhecer os pais dele, e iríamos almoçar em um restaurante muito bom.

Chegando no restaurante, cumprimentei seu pai, e fiquei esperando sua mãe chegar. Mas já havia se passado uma hora, e nada, então resolvi perguntar:

— Alex, onde está sua mãe?

E, de repente, levei um chute nas pernas, o que me surpreendi foi que o chute veio do pai de Alex, então olhei para ele, eis o gesto que fez, para eu me calar. Não estava entendendo nada, então, Alex começou a chorar e saiu para o jardim. Seu pai me explicou toda a história de que quando Alex tinha quatro anos de idade, estava passeado com sua mãe no centro e, quando foram atravessar a rua, veio um carro em alta velocidade, nisso não tinha como eles voltarem para a calçada. Em um gesto rápido, ela o empurrou para a calçada e foi atropelada. O carro bateu nela com muita pressão (o motorista estava bêbado), ela morreu na hora. Ele me explicou também que com tudo esse ocorrido, desde então, não teve mais tempo para Alex, sempre trabalhando e, com o dinheiro que ganhava, pagava uma babá para cuidar dele, até certa idade... por isso sua presença fez muita falta na vida de Alex.

Eu fiquei muito triste com toda essa história. Triste por saber que esse garoto maravilhoso passava por dificuldades, mas sempre estava tentando (e sempre conseguia) me fazer feliz, quando às vezes ele estava triste por dentro. Eu me senti mal por não saber deste pequeno e grande detalhe de sua vida, mas eu não poderia cobrar algo tão grande dele. Fui lá fora do restaurante falar com ele. Ele estava sentado em um balanço que havia em um pequeno parquinho lá fora. Sentei ao lado dele e falei:

— Querido, seu pai me contou toda a história. Eu realmente estou me sentindo mal, por ter estragado nosso jantar com seu pai. Eu lamento ter feito você voltar toda essa lembrança que você deve ter demorado tempo para esquecê-la. Sei que você pode não ter uma mãe e pode não ter um pai tão presente em sua vida... Mas prometo que, se você quiser, eu consigo preencher esse amor de pai, mãe, namorada! Você acredita em mim? Eu o amo e quero mais do que tudo a sua felicidade, mesmo que venha antes da minha. E eu quero mesmo que voltemos para aquele restaurante e reaproximemos você e seu pai. Pode ter certeza que, se você deixar ele se aproximar, ele pode conseguir fazer um papel de mãe e pai. Podemos voltar lá, por favor?

— Eu já disse que a amo? porque a amo, e muito. Claro meu amor, vamos voltar lá, só não prometo que terá o melhor sogro, mas sei que ele irá tentar.

Posso dizer que a noite foi incrível, eu amei tudo, e sei que foi uma das melhores noites com ele. Amei conhecer o pai dele e vi que ele se esforçou muito para se aproximar de seu filho, o que realmente deu certo, porque a partir daquele dia a família Montgomery estava reunida novamente. E agora posso dizer que passei um ano cheio de aventuras, felicidades, tristezas. Conheci um homem incrível, que não quero deixar nunca partir. Ele se tornou minha felicidade, ele se tornou minha tristeza, ele se tornou o amor da minha vida. Nos meus momentos mais difíceis, ele estava do meu lado. Mudamos tanto desde o começo do ano, mas nunca deixamos de ser quem sempre fomos, e por quem nos apaixonamos no início de tudo isso. Começamos a escrever poesias, um para o outro, porque esse era o nosso hobby favorito, depois de tocar e cantar, claro. Nossas poesias ficaram conhecidas pela cidade e foram expostas no nosso lugar de encontro, onde nos

conhecemos, no melhor ponto turístico da cidade, no museu de poesias. Aquelas poesias escritas por nós mesmos são um símbolo do nosso amor, algo que significava muito para nós. Nesse mesmo dia, de ano-novo, fomos comemorar após o almoço em minha casa, indo no museu de poesias, vendo a marca de nosso amor exposta para todos. Após isso, fomos à praia, eu com meu violão, e ele com sua voz doce. Fizemos um piquenique adorável na areia da praia, brincamos no mar a tarde toda. Quando começou a escurecer, sentamos naquela areia afogada com nossas roupas de banho, em cima de uma toalha, e olhamos para aquele céu estrelado, a terceira maior beleza do mundo.

Autora: Karine Thais Araujo Lima

O amor corruptível

"Ai, ai!, como poderei descrever a vida que era antes de minha chegada? Talvez perfeita, eu nunca mais consegui viver depois do que aconteceu comigo, e do que fui obrigado a fazer. O certo é que fiz o que estava ao meu alcance e que era possível.

22 de dezembro de 1858. O dia mais esperado por mim e por meus pais havia chegado, às 11:55 eu cheguei neste vasto mundo com muito amor, cuidado e carinho, meus pais não sabiam o que fazer para me agradar (também o unigênito da família). Minha mãe estava sempre mais presente na minha vida do que meu pai, com ela eu aprendi as primeiras palavras os primeiros passos e toda minha educação, já aquele homem que se dizia meu pai nem chegava perto de mim nem para dar bom dia nem para me dar boa noite. E cada dia mais minha mãe me enchia de afeto de cuidado passava todo tempo comigo, até que chegou o dia em que eu tive que ir ao colégio, nesse dia lembro-me como se fosse hoje, minha mãe me deixou com medo e chorando na porta do colégio, ela encheu a minha cabeça de "minhoca" dizendo que "era um lugar ruim, que não era pra eu ir". Mas era tudo ao contrário do que ela disse, era um lugar maravilhoso, sem contar que eu me distanciava dela um pouco.

Como entrei na escola agora, não passo tanto tempo mais com a minha mãe e tentei buscar uma imagem masculina para seguir (meu pai) para aprender mais sobre a vida, por isso fui falar com ele, mas ele nem sequer falou comigo, então parei de tentar. Em uma noite quando eu estava para dormir escuto meus pais brigando mais uma vez, mas dessa vez de uma forma bem mais agressiva e na noite seguinte minha mãe para de dormir com meu pai e passa a dormir comigo dizendo : "Eu não passo mais tempo com você, então vamos dormir juntos para compensar" mal sabia ela que eu não gostei da ideia (pois eu já tinha 14 anos), mas olhei para os olhos dela e fingi alegria. A cada dia minha mãe me parecia cada vez mais apreensiva, eu queria sair com meus amigos, mas não podia. Então comecei a sair escondido e voltar de madrugada, e toda vez que eu chegava tarde eu dormia na sala e escutava um choro de tristeza profunda, um choro inconsolável, que vinha do quarto de meu pai e eu sem entender o motivo.

16 de julho de 1876. O dia de eu ir embora havia chegado, eu pensava que minha mãe iria fazer um escândalo tremendo mas não, ela até ajudou a fazer as minhas malas. Então me mudei daquela casa para a minha própria casa e as poucas vezes que eu ia visitar meus pais eu via uma má conexão entre eles, e refleti (pois só percebi depois de adulto) nisso. Após um tempo recebi a notícia que minha mãe se suicidou. Eu fiquei chocado, pois em minha visão não havia motivo para ela se matar. Quando fui no funeral da minha mãe, fui me apossar de minha herança e da casa e vi aquela natureza morta, uma mancha de sangue no tapete e uma faca suja de sangue em cima do tapete, naquele momento peguei a faca e guardei em meu bolso ao mesmo tempo que desembarquei minhas malas.

Naquela tarde fui eu dormir e acordei amarrado, fiquei ao mesmo tempo desesperado e tentando escapar mas, quando a porta do quarto abriu, meu pai olha para mim com um olhar de conquista e perturbador dizendo: "Agora acabei com a única coisa que nos separava e então podemos passar nossos tempos perdidos." Naquele suspiro de surpresa engulo o meu choro de angústia. Somente naquele momento percebi o que meu pai se tornara, mas eu não entendi e ele me explicou: "A sua mãe desde quando você nasceu não me deixou me aproximar de você, com a ameaça que se eu sequer falasse com você ela iria fugir com você, contanto que eu só continuei

aqui por você e depois de uma briga quando você já havia ido embora ela me expulsou e então eu voltei nessa casa, matei-a sabendo que você viria e passaríamos o resto de nossas vidas juntos." Naquele momento eu entendi tudo e percebi que vivi uma mentira e meu pai ficou tão obsessivo comigo que me dava comida na boca, e banho, e me machucava se eu não queria fazer qualquer coisa, eu não saía daquela corda, ele não me tirava daquilo, eu virei um prisioneiro, o prisioneiro dele e senti que eu tinha que pôr meu plano em prática, pois eu já não aguentava mais o que eu vinha a passar, e sem pensar muito peguei a faca que guardei e enfiei-a no peito de meu pai, findando com sua vida e concluindo com meu plano. Na mesma noite eu me desfiz do corpo no lago da casa e me aliviei do fardo que me perturbava.

Autor: Saulo Rodrigues de Lima Júnior

A cova à espera deles

Tudo começa com a minha adoção, parecia ser um dia lindo... os pássaros cantavam, e até as flores falaram comigo! Porém aquilo tudo acabou no instante que conheci minha real família! Eram totalmente psicopatas, só podiam ser para me tratar daquela maneira, com tanta crueldade e frieza, fazendo com que eu morresse espancada.

Como poderia deixar que minha irmã sofresse o mesmo?!, para ela a família parecia ser boa, porém já passei por essa enganação também, e decidi que mesmo contra sua vontade, a protegeria, com sua pequena ajudinha...

Então depois de um tempo já me acostumando e ganhando a confiança deles, sabia que era a hora do rush.

Já era noite eu sabia que deveria agir, não poderia deixar que o ato cruel se repetisse, com o alvo em uma pobre garotinha, como minha irmã.

Então me levantei da cama, e chamei meus "pais" desesperadamente no quintal... E quando eles apareceram, haa pode agir! Finalmente! eu os aguardava escondida, e quando menos esperavam ataquei-os pelas costas, mordendo, arranhando-os, apenas com unhas e dentes. Com a cova à espera deles, bastou apenas um empurrão para que caíssem lá e enterrando-os o problema acabaria!

Autora: Thaysi Mendes Rodrigues

Um corvo

Meu nome é John Cons, sou um detetive, essa é uma história sobre meu caso número 100, então eu gostaria de registrá-lo em papel, já se passou uma semana desde o acontecimento...

O suspeito se chama Jeffrey Dahm, um coitado, mora em uma região afastada, ele é suspeito por ter assassinado um homem, não me aproximarei precocemente, preciso saber que tipo de personalidade é a dele.

Já se passaram dois dias desde que comecei a observá-lo, não notei nada, nada de errado, isso me deixou extremamente irritado, eu precisava provar minhas teorias, e decidi me aproximar.

Chegando em sua casa, bati na porta três vezes, então uma mulher me atendeu.

— Boa tarde, meu nome é John Cons, eu sou detetive, procuro por Jeffrey Dahm. Ele mora nesta casa?

— Sim, ele é meu marido, mas não está no momento.

— Poderia entrar e aguardar por ele?

— Sim.

Entrando nesta casa senti logo de início, um ar fúnebre... havia algo de errado ali. Achei uma coisa muito estranha, eu já estava ali há muitas horas e ela não me ofereceu café, ou algo que possa ser consumindo.

Já estava de noite e Jeffrey não se apresentava, onde estaria ele?

Ouvi umas batidas agressivas na porta, era Jeffrey, ele me avistou e

— Quem é você?

— Meu nome é John Cons, sou detetive, e...

— Você não tem nada a fazer aqui!

— Na verdade eu tenho, você irá responder as minhas perguntas! Onde você estava na noite, em que um homem chamado Georg Nitello foi assassinado?

— Em casa, minha mulher é testemunha.

Ao falar isso percebi que ele estava ficando apavorado.

— Você já matou alguém?

— Não, mas se precisasse eu mataria!

— Por que está exaltado? Essas perguntas lhe deixam com medo?

— Não estou exaltado, não tenho medo de nada, nem de você.

— Por enquanto é tudo.

Algo me dizia que ele era o assassino, saí para caminhar por supostas cenas de crime, o primeiro lugar aonde fui era a floresta, com barulhos estranhos, esse lugar realmente era bizarro, vi com a luz da lanterna um corvo sem um dos olhos, mas de dentro daquele vazio onde se encontrava o olho saía dali uma luz vermelha, acompanhei a luz e estranhamente a luz terminava perto de uma árvore, nessa árvore, vi o olho que faltava no corvo, e eu tremi quando avistei um dedo humano embaixo do olho, eu estava apavorado, seria aquele o dedo de Georg?

Comecei a andar em direção a casa, ouvi uns gritos, saquei minha arma e observei pela janela, Jeffrey estava louco, foi a cena mais nojenta de minha vida, comecei a vomitar...

Entrei na casa Jeffrey estava sentado, perto do defunto, estava se lamentando, apontei a arma para ele, iria puxar o gatilho, mas ele gritou:

— Eu não quero ir pra cadeiaaaa!

E se esfaqueou até a morte.

Autor: Willian David da Silva Ribeiro